

## A IGREJA NA AMÉRICA LATINA

por Luiz Alberto Gomes de Souza

1965

.....

### 1. Introdução Histórica:

A América Latina é verdadeiramente cristã, ou melhor, verdadeiramente católica? Costuma-se dizer que a América Latina é o "grande continente protestante", no sentido de que há uma adesão ao Cristianismo em que isso represente uma adesão consciente à Igreja, enquanto instituição. Para entender o problema religioso na América Latina é preciso ver como surgiu a Igreja, em sua história. Na Idade Média, houve uma cristalização das estruturas da Igreja. Ela aprofundou e amadureceu a sua vida institucional, necessária. Os que estudam História da Igreja conhecem as terríveis desordens que houve em seu seio nos séculos IX e X, em que desde o papado até os grupos cristãos mais distantes estavam anarquizados quanto a costumes, disciplina, etc. Foi a reforma gregoriana que deu à Igreja um mínimo de organização mais sólida que lhe permitiu chegar a alta Idade Média nos séculos XII e XIII e ter aí uma presença madura, adulta. Cuidou-se mais da formação sacerdotal, da função do bispo na ordem temporal e na ordem espiritual, de toda uma série de problemas levantados nos séculos IX e X e que no século XI puderam ser mais ou menos institucionalizados para chegar a uma Igreja madura na Idade Média.

Como tudo na História é ambíguo, o excesso de organização também é ruim; e se foi necessário que num determinado momento a Igreja se institucionalizasse e se organizasse, ao correr dos séculos essa organização foi mal compreendida e ficou um pouco fechada sobre si mesma. Diante da reação do protestantismo essa marca da Igreja enquanto instituição foi afirmada mais violentamente nos séculos XV e XVI, em todo o período da contra-reforma. Nesse momento surgiram os missionários, formou-se uma nova "casta", uma coisa "diferente" que foi o sacerdote. E foi exatamente nesse momento da contra-reforma, da Igreja instituição centralizada em Roma, que surgiu na América, séculos XV e XVI. E com um dado novo: a América Latina surgia a partir da colonização da Península Ibérica, Espanha e Portugal. Estes dois países tinham características especiais com relação ao resto da Europa. Enquanto o resto da Europa teve uma Idade Média que começou no século VIII e entrou em declínio no século XIV, pelo problema da reconquista contra os

mouros, a Idade Média Espanhola praticamente teve início no século XV. De maneira que Espanha e Portugal chegaram com um atraso considerável do ponto de vista instituições e econômico-social. Portanto, fomos colonizados por países atrasados; enquanto a Inglaterra e a Holanda deixavam a Idade Média e lançavam-se na grande aventura do mercantilismo, Espanha e Portugal ainda tinham estruturas medievais de cristianismo. A América Latina herdou, portanto, o atraso desses dois países. Nós nascemos atrasados - o que é um dos fatores que pode explicar a nossa diferença com a América do Norte.

## 2. Herança Peninsular para a América Latina:

Para entender, pois, a Igreja na América Latina devemos lembrar que ela aqui ancorou no momento em que a instituição era muito acentuada diante da reação protestante, após a longa maturation da reforma gregobiana e quando a Idade Média, fenômeno já desaparecido em outros países, começava a ser vivido na Península Ibérica, sendo transplantada para a América Latina, trazendo consigo a estrutura educacional clerical. O ensino nasce nas mãos da Igreja. Temos então a identificação natural entre Igreja e sociedade e, por conseguinte, uma identificação com as estruturas sociais, todas, inclusive com a estrutura de poder. A Igreja identificou-se com o grupo dominante, o grupo que detinha o poder político e o poder econômico. Na América espanhola era a Igreja uma das grandes proprietárias de terras. Enquanto instituição a Igreja estava do lado da estrutura colonial espanhola e, às vezes, de um Frei Caneca no Brasil, ou de um Pe. Idalgo, no México, eram ecos marginais de libertação. Quando a Inglaterra foi proclamada pelos vários países latinoamericanos, inspirada no liberalismo francês, muitos membros da Igreja lutaram pelos colonizadores, aderindo após, ao novo poder que surgia. Sabemos contudo que a nossa independência foi fictícia: houve uma transplantação nacional de poder, mas o poder local permaneceu nas mãos dos grupos que possuíam as terras.

## 3. Conservadorismo e Anticlericalismo:

No século XIX temos a identificação da Igreja com as forças conservadoras e todas as forças de libertação na América Latina, quase se exceção. fizeram-se contra a Igreja, foram anticlericais. Os próprios cristãos engajados nesses movimentos de

libertação eram levados a entrar em choque com as estruturas da Igreja. Se examinamos os países da América espanhola constatamos ser sinônimo, em quase todos, ser católico é ser direitista e conservador: anticlerical igual a liberal e esquerdista. Na Colômbia e no Equador ainda ocorre essa identificação unilateral. No Equador tivemos o fenômeno Garcia Moreno, presidente católico. Querendo fazer do Equador um país católico, Moreno andou pelas ruas de Quito, de pés descalços e uma grande cruz aos ombros, num ato de fé público. Pouco depois êle era assassinado; a república anticlerical tinha sido preparada por êle. No Brasil houve o fenômeno do "padroado". No século XIX, a Igreja sendo oficial, o Imperador manifestava-se sôbre uma lista tríplice de nomes entre os quais deveria ser escolhido o bispo. Isso levou à célebre "questão religiosa", no fim do século XIX, com D. Macedo Costa e D. Vital, que se opuseram, tendo sido prêso êste último. Foi graças à República, a anticlericais, que fizeram no Brasil a lei de separação da Igreja do Estado. Hoje todos nós a consideramos altamente salutar, uma vez que a Igreja libertou-se dessa união e pode renascer graças à nova liberdade, sem sujeição à política do Estado.

#### 4. As Novas Gerações Cristãs:

A geração mais notável do século XX foi a de 1918. É a geração dos jovens universitários que, na Argentina, no Perú e no México, trouxeram tôda uma nova reflexão à América Latina, correspondendo a uma espécie de socialismo iberoamericano. Essa geração foi responsável pela reforma universitária de Córdoba, pela qual os estudantes universitários pleitearam e conseguiram a sua participação na gestão das universidades. Problema cogitado em 1953, no Brasil, já tinha sido resolvido em 1918 na Argentina, México e Perú. Essa geração é a dos primeiros socialistas latinoamericanos: Palacios, na Argentina, Haya de La Torre, no Perú. Era uma geração radicalmente anticlerical. Hoje ela é considerada altamente reacionária. No México tivemos, no século XIX, um movimento nacional, nativo de afirmação mexicana diante das pressões dos Estados Unidos. Êsse movimento cristalizou-se em tôrno da figura fantástica de Benito Juarez, mestiço liberal que liderou todo o México. Os conservadores, identificados com os católicos, ligados a Napoleão III, que defendia os Estados Pontifícios na Itália, impuseram ao México um imperador austríaco. Portanto, um país em plena fase de afirmação é invadido por tropas francesas em nome da fé e entregue a um imperador austríaco que nem sequer falava espanhol.

Poucos anos depois, como não podia deixar de acontecer, Maximiliano é fuzilado e Benito Juarez volta numa onda anticlerical. No comêço do século ocorre a revolução mexicana marcada pelo anticlericalismo, há um choque entre as forças revolucionárias e conservadoras e a Igreja, confundida com os conservadores, é perseguida. Quando a revolução tornou-se mais violenta, aguçando a perseguição no período do presidente Elixas Calles, os católicos, em nome de Cristo Rei, organizaram-se numa espécie de guerrilha, os "cristeiros", enfrentando as tropas de Calles, derramando sangue. Em Cuba mais da metade do clero era espanhol e, no início da revolução, quando ainda ela não se tinha definido, os superiores espanhóis das congregações religiosas mandaram rezar uma pomposa missa pela saúde de Franco; quando o meio universitário entrou em greve, protestando contra as torturas de Batista, a universidade católica de Cuba foi a única a permanecer aberta, abrigando os jovens das mais privilegiadas famílias. Sabemos, também, segundo o Nuncio Apostólico do Egito, que foi tratar do problema da Igreja em Cuba, que a maioria dos sacerdotes não foram expulsos, mas fugiram. O que não contesta que há uma perseguição religiosa em Cuba, mas as suas raízes são muito mais turvas do que parecem.

Em 1930 houve um florescimento em tôda a América Latina, surgindo uma geração de convertidos ao catolicismo. É curioso que tenham sido os convertidos, pessoas que descobrem pela primeira vez a Igreja, os provocadores da renovação da Igreja. No Brasil, tivemos Jackson de Figueredo, Alceu Amoroso Lima e tantos outros. No Chile, um grupo de universitários assistidos pelo Pe. Manuel Larrain, hoje bispo de Talca e presidente do CELAM. Em outros países, como na Venezuela, apareceram outros grupos de convertidos.

Há três gerações católicas que se encontram na América Latina hoje: a 1ª é uma geração integrista, identificada com o conservadorismo, tendo uma visão medieval do temporal e do espiritual, isto é, o temporal afogado dentro do espiritual e considerando o natural como algo pecaminoso, uma espécie de fuga do sobrenatural. Tivemos uma geração de 1928-30-37 que surgiu com o movimento litúrgico, bíblico, que criou a Ação Católica e preparou o Vaticano II, que hoje aprova as intuições dessa geração. Essa geração descende diretamente de uma família européia chamada os "cristãos sociais", fruto da revalorização do tomismo na reflexão da Igreja, a partir de Leão XIII. Ela tem como figura polêmica Jacques Maritain. Ela faz a distinção do espiritual e do temporal, descobrindo a espiritualidade do temporal. Contudo, a nossa gera-

ção hoje reconhece um excesso naquela geração de separar do temporal o espiritual, num artificialismo talvez provocado pela perspectiva escolástica, de maneira que para ir ao temporal eu tenho quase que "batizá-lo", porque êle está fora do espiritual. Portanto, para que um católico seja democrata é preciso injetar essa democracia de espiritual e dar a ela o nome de "democracia cristã", sindicato cristão, etc. é uma geração de "ghetto", na necessidade dos cristãos de se organizarem enquanto cristãos.

A nossa geração atual faz um esforço de visão diferente em que nós não temos, como os integristas primitivos, o temporal afogado dentro do espiritual; nem como a geração da renovação tomista em que temos o temporal ao lado do espiritual e sim o espiritual dentro do temporal, no coração do temporal, partindo do princípio de que Deus está em tudo, no coração de todos os homens, nas coisas, na matéria. Portanto, qualquer ação boa de qualquer homem é uma ação da graça de Deus nêle. É então o esforço, como diz Teilhard de Chardin; "não de distinguir para unir, mas unir para distinguir". É o esforço de uma 3ª geração que não quer ser democrata cristã, mas quer ser cristãos que são socialistas ou democratas ou qualquer outra coisa de acôrdo com a sua opção pessoal.

Na América Latina é ainda a 1ª geração integrista que dá a tônica na maioria da Igreja, do ponto de vista sociológico; a 2ª geração amadureceu no Chile e chegou à presidência com Eduardo Frei, e a 3ª está em processo de maturação, nascendo em todos os países, atingindo sobretudo os movimentos de juventude. A transformação social é rápida na América Latina e se a Igreja chegará ou não em tempo de acompanhá-la é o problema que se coloca, uma vez que ela esteve quatro séculos comprometida, pelo menos alguns de seus membros, com a "desordem estabelecida", como dizia Mounier.

##### 5. Democracia Cristã na América Latina:

Há duas correntes na Democracia Cristã na América Latina: no Chile, Venezuela e Argentina e certos grupos no Brasil têm uma experiência que já podemos caracterizar como democrata cristã. Na República Dominicana há o Partido Social Cristão através do qual os cristãos, ainda com espírito da geração integrista, que rem participar da política. São democratas cristãos porque é moda ser democrata cristão. Em Porto Rico a Democracia Cristã nasceu com uma bandeira azul estampando o emblema de Nossa Senhora e não apresentando originalidade. Mesma coisa outros movimentos de-

mocratas cristãos na América Latina que não apresentam nada de nôvo e são profundamente conservadores. No Chile e na Venezuela a Democracia Cristã merece uma análise mais séria, pois na Venezuela ela já tem uma experiência de poder que se inicia agora no Chile. O interessante na Democracia Crstã do Chile é que seus partidários começaram a se preparar em 1934. Há 30 anos Eduardo Frei ia para a Europa estudar política; há 30 anos eles vêm formando gente. Há portanto seriedade na Democracia Cristã chilena. Agora o problema da democracia cristã dêles é que ainda mantém uma reflexão próxima ao "Humanismo Integral" de Maritain, onde ele collocava o fim da cristandade medieval mas a necessidade de se construir uma nova cristandade. Ele, querendo fugir da cristandade medieval não escapava do problema da cristandade, ou seja, no mundo de hoje não teria sentido uma sociedade civil confundida com algum credo religioso. Partimos para um mundo pluralista onde coexistem diferentes crenças, diferentes idéias e onde a Igreja tem que ser um grupo sociológico dando testemunho no meio dos outros. No momento em que eles, destruindo uma idéia medieval, queriam fundar uma nova cristandade, sentiam necessidade de que os cristãos participassem da vida política para construir a nova cristandade, mas participassem unidos - no fundo por - que os católicos não tinham se libertado de um complexo de inferioridade. Isso é, já que estivemos omissos durante todo o século passado vamos estar presentes enquanto católicos para mostrar que os católicos não estão ausentes. Uma distinção célebre de Maritain é a que ele faz de "agir como cristão e enquanto cristão". Uma coisa é agir em nome da Igreja, outra é agir por minha livre iniciativa. O problema da Democracia Cristã é este: é que ela ainda reduz o Cristianismo a uma ideologia, ou seja, em vez de ver que a essência do Cristianismo é uma adesão a Jesus Cristo enquanto pessoa histórica, adesão que se dá em qualquer tempo, lugar ou regime político, desde que haja, é claro, total respeito à pessoa; em vez de ver essa essência do Cristianismo, este foi reduzido a uma série de opções quase que temporais-sociais. Extraiu-se da doutrina social da Igreja uma ideologia cristã, sem se dar conta que o Cristianismo transcende a qualquer ideologia. Resultado: Eduardo Frei sobe no Chile em nome da Democracia Cristã, afirmando que fará a "Revolução com liberdade". No caso de conseguir, de ter êxito no seu governo, a Igreja, que o apoiou, ganhará prestígio. Mas é isto que a Igreja busca? No caso que Frei fracasse, é a Igreja que fracassa, porque ela está comprometida com a sua experiência. Se por acaso houvesse uma revolta radical no Chile, o Allende ou outro subisse ao poder, a Igreja seria perseguida, pois estaria confundida com o partido que detém a situação, ao invés de transcendê-la, alimentando, inspirando os cristãos nas diversas opções temporais.